

As tecnologias como mediadoras no ensino e aprendizagem da linguagem oral utilizando os contos de fadas: a prática na Escola Caetano Dias em Macapá/AP

Technologies as mediators in the teaching and learning of oral language using fairy tales: the practice at Caetano Dias school of education in Macapá/AP

Tecnologías como mediadores en la enseñanza y el aprendizaje del lenguaje oral utilizando cuentos de hadas: práctica en Escola Caetano Dias en Macapá/AP

Elivaldo Serrão Custódio - Universidade Federal do Amapá | Mestrado em Educação - PPGED/UNIFAP | Macapá | AP | Brasil. E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com | 

Minelva Medeiros dos Reis - Secretaria Municipal de Educação e Cultura | Professora da rede municipal de ensino de Macapá | Macapá | AP | Brasil. E-mail: minelva.reis@uol.com.br |



Resumo: O objetivo da pesquisa foi analisar a possibilidade de uso das tecnologias enquanto ferramenta mediadora no ensino-aprendizagem da linguagem oral em crianças do 2º ano do Ensino Fundamental da escola Caetano Dias Thomaz, no distrito de Fazendinha em Macapá/AP. Trata-se de estudo de caso com abordagem qualitativa com objetivos exploratórios. Os dados foram analisados com a técnica da Análise de Conteúdo. Foram estabelecidas três categorias de análise: repertório linguístico; expressão oral e imitação. Os resultados comprovam que os alunos desenvolvem aspectos da oralidade com mais facilidade ao ouvir ou ler um conto de fadas, sendo capazes de falar sobre seus personagens preferidos, sobre características do gênero, enredo, expressando-se com mais facilidade, exercendo a capacidade de ouvir, de respeitar diferenças, saber ouvir e contar histórias.

Palavras-chave: Tecnologias. Linguagem oral. Ensino-Aprendizagem.

Abstract: The objective of the research was to analyze the possibility of using technologies as a mediating tool in the teaching-learning of oral language in children of the 2nd year of elementary school at the school Caetano Dias Thomaz, in the district of Fazendinha in Macapá / AP. This is a case study with a qualitative approach with exploratory objectives. The data were analyzed using the Content Analysis technique. Three categories of analysis were established: linguistic repertoire; oral expression and imitation. The results prove that students develop aspects of orality more easily when listening to or reading a fairy tale, being able to talk about their favorite characters, about characteristics of the genre, plot, expressing themselves more easily, exercising the ability to listen, to respect differences, to know how to listen and to tell stories.

Keywords: Technologies. Oral language. Teaching-Learning.

Resumen: El objetivo de la investigación fue analizar la posibilidad de utilizar las tecnologías como una herramienta mediadora en la enseñanza-aprendizaje del lenguaje oral en niños del segundo año de primaria en la escuela Caetano Dias Thomaz, en el distrito de Fazendinha en Macapá / AP. Este es un estudio de caso con un enfoque cualitativo con objetivos exploratorios. Los datos se analizaron utilizando la técnica de análisis de contenido. Se establecieron tres categorías de análisis, repertorio lingüístico; Expresión oral e imitación. Los resultados demuestran que los estudiantes desarrollan aspectos de la oralidad más fácilmente cuando escuchan o leen un cuento de hadas, pueden hablar sobre sus personajes favoritos, sobre las características del género, la trama, expresarse más fácilmente, ejercitar la capacidad de escuchar, respetar las diferencias, saber escuchar y contar historias.

Palabras clave: Tecnologías. Lenguaje oral. Enseñanza-Aprendizaje.

1 Introdução

A delimitação do trabalho está compreendida da seguinte forma: o foco de pesquisa é o ensino e aprendizagem da linguagem oral pela criança. O objeto de investigação é a possibilidade de uso das tecnologias enquanto ferramenta mediadora neste universo. O *locus* de pesquisa é a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Caetano Dias Thomaz, no distrito de Fazendinha em Macapá/AP.

As tecnologias selecionadas foram: lousa digital, caixas de som, *pendrive* e livros de contos de fadas. A escolha do gênero advém do fato de que, ser um dos mais conhecidos e queridos, e ser difundido tanto pela escrita quanto pela oralidade, possibilita ao interlocutor a capacidade de expressar-se e ouvir, competências que se não forem desenvolvidas na infância, podem trazer muitos problemas à vida adulta. Foi a partir da observação da importância que os recursos tecnológicos, quando aliados ao gênero conto de fadas, podem ter no processo de ensino e aprendizagem da oralidade de alunos em processo de alfabetização, que surgiu o objetivo geral desse trabalho: analisar a possibilidade de uso das tecnologias como ferramenta mediadora no ensino-aprendizagem da linguagem oral em crianças do 2º ano do Ensino Fundamental a partir dos contos de fadas.

Os resultados demonstram que ao utilizar esse gênero literário em sala de aula, tanto no formato de filmes, quanto de livros de literatura, especificamente para desenvolver trabalhos de linguagem no eixo oralidade, o professor promove a interação social do aluno, fazendo com que ele participe ativamente do processo educacional, interaja com os demais, questione, pergunte. Enfim, expresse-se, difunda seus ideais, suas concepções, tornando-se um sujeito crítico, capaz de compreender as diferentes fontes de informação que lhes são apresentadas cotidianamente.

Por isso, no sentido de atender aos objetivos aos quais se propôs, o estudo se pautou em autores como Alves (2016), Baccega (2009), Moran (2004) e Batista e Freitas (2018) que abordam a importância do uso das tecnologias na educação e Bettelheim (2007), Farias e Rubio (2012), entre outros que já pesquisaram sobre os benefícios dos contos de fadas no processo de alfabetização de crianças.

O trabalho encontra-se dividido em cinco seções, onde buscou-se embasamento para o desenvolvimento da pesquisa, que consiste na discussão sobre os desafios enfrentados pelo educador, para utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação como ferramentas de

inovação na educação. Enfatizou-se especificamente os contos de fadas, a simbologia, e a contribuição desse importante gênero para o desenvolvimento da linguagem oral, conforme previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1999). Em seguida são apresentados os caminhos metodológicos de investigação, pormenorizando-se o universo, a amostra, as técnicas e os procedimentos de pesquisa. Por fim, traz a análise e a discussão dos resultados deste estudo.

2 Tecnologias de informação e comunicação: novos desafios para o educador

Muitas mudanças ocorreram nas últimas décadas na educação, principalmente no que tange às políticas neoliberais de globalização econômica, proporcionadas pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Estas são hoje, na concepção de Alves (2016), responsáveis por uma verdadeira redefinição na relação entre indivíduo e sociedade, induzindo à necessidade de alterações de comportamentos e valores, caracterizados, cada vez mais, pelas exigências de uma sociedade enraizada no individualismo e no consumismo.

A partir desse contexto, muitos debates são realizados no âmbito educacional, com o objetivo de promover reflexões sobre os caminhos que precisam ser trilhados no processo de ensino e aprendizagem, enfatizando a inserção das TICs. Garutti e Ferreira (2015), por exemplo, argumentam que elas podem auxiliar tanto os educandos na compreensão e elaboração de atividades, quanto facilitam os trabalhos dos educadores, uma vez que promovem um novo sentido aos conteúdos curriculares.

Salienta-se, porém, que o uso das TICs na educação só é válido quando os objetivos contemplam tanto o trabalho docente quanto o discente, e contribua para o processo de aquisição e socialização de conhecimentos. Por isso, considerando-se que não há meios de separar a educação dos avanços tecnológicos, é importante que o professor esteja em constante busca por conhecimentos que o habilite a fazer uso das TICs, haja vista que seu trabalho, com o surgimento dessas tecnologias, deixou de ser encarado como uma atividade predominantemente baseada em quadro, giz e livros (BACCEGA, 2009), perpassando para além dos muros da escola, já que com as novas tecnologias, o conhecimento tornou-se globalizado e modifica-se a todo o momento.

Barreto (2012) defende que as discussões acerca da temática, obrigatoriamente, englobem o modo como o professor está incorporando as TICs aos processos pedagógicos de ensino e aprendizagem, analisando as novas possibilidades educacionais que emergem a partir da inserção

das novas tecnologias e os resultados oriundos dessas. Isso necessariamente implica em identificar quais são os novos desafios para a organização do trabalho docente, e leva a reflexão acerca das novas práticas pedagógicas a serem incorporadas, pois, conforme referendado por Barreto (2012), não se pode deixar iludir pelas imagens de uso das novas tecnologias veiculadas pelo Ministério da Educação, tendo em vista que elas não condizem com a realidade das escolas.

É importante ressaltar o exposto por Batista e Freitas (2018) quando afirmam que, da mesma forma que a tecnologia se encontra a serviço da sociedade, visando suprir as necessidades humanas e diminuir as diferenças e desigualdades sociais, na educação é esperado que os usos atendam ao mesmo fim, proporcionando, principalmente, condições reais aos mais necessitados para que rompam os limites impostos pela pobreza, tornando-os seres sociais ativos e participativos.

Logo, é preciso buscar estratégias que viabilizem não somente a ultrapassagem dos limites que ainda são impostos pelas antigas tecnologias, comumente representadas pelo quadro, giz ou pincel e materiais impressos (BARRETO, 2003), mas que viabilizem ao aluno, a capacidade de interpretar, de discernir, opinar, desenvolver atitudes e habilidades que possam interferir em sua realidade, modificando-a para si e para todos os que compõem seu ambiente social.

Para isso, no entanto, é preciso que o professor perca a visão literária e redutora que tem acerca do conceito de tecnologia como algo negativo, ameaçador e perigoso. Compreenda que, de acordo com o exposto por Almeida (2009), as características e funcionalidades das tecnologias integradas aos ambientes virtuais trazem contribuições para a autoaprendizagem no sentido de autodidatismo, da busca da orientação individual, do atendimento de necessidades individuais, diferentes ritmos de trabalho e preferências de aprendizagem.

Essa nova perspectiva de trabalho é necessária porque, de acordo com Moran (2004), a escola tem a missão de preparar o indivíduo para a vida. Logo, é preciso que nessa “preparação” tenha a responsabilidade de não fechar os olhos à realidade da inserção das tecnologias no processo educacional, tendo em vista que o homem necessita e faz uso das novas tecnologias para tudo em sua vida, e que dentre os objetivos da escola está o de possibilitar ao aluno condições para que ele possa desenvolver habilidades e competências que corroborem para seu desenvolvimento físico, moral, intelectual e social.

Na concepção de Lévy (2000, p. 79), para que haja a interação e a construção do conhecimento por parte do educando, é preciso que o professor se torne o ponto de referência no que tange à orientação dos alunos “no processo individualizado de aquisição de conhecimentos e, ao mesmo tempo, ofereça oportunidades para o desenvolvimento de processos de construção coletiva do saber através da aprendizagem cooperativa”. Nesse sentido, é preciso que a competência do professor se desloque, para que ele se torne um incentivador da aprendizagem e do pensamento.

Considerando-se que todo o conhecimento envolve algum tipo de articulação com as tecnologias, não se pode pensar em educação sem contemplar o uso desses importantes recursos no processo de ensino e aprendizagem. Para isso, no entanto, é preciso que os docentes sejam capazes de situá-las como um novo paradigma do conhecimento e da aprendizagem, inserindo-as nas ações previstas no currículo escolar. É importante lembrar que não basta ser capaz apenas de integrar pontualmente as tecnologias na prática pedagógica; é necessário que o professor comece a mudar sua prática, refletindo e analisando formas de integrar as TICs aos conteúdos ministrados em sala de aula, a fim de promover uma cultura midiática que assegure, induza e apoie o processo de aprendizagem.

Desse modo, já que a formação escolar do aluno engloba uma série de conhecimentos, e as tecnologias podem ser utilizadas como forma de tornar a aprendizagem mais significativa, elaborou-se ações simples a serem desenvolvidas em sala de aula envolvendo os contos de fadas e o uso das tecnologias no processo de formação da linguagem oral do aluno.

3 Os contos de fadas e a formação da linguagem oral

É reconhecido que, para o aluno avançar na aprendizagem é importante que o professor planeje situações significativas e envolventes de leitura, utilizando as diversas formas de textos e gêneros. Para garantir a interação entre estes potenciais leitores em formação, surge a necessidade da criação de espaços que possibilitem o intercâmbio de ideias e cabe a escola essa responsabilidade, além de expor o mesmo como veículo de vital importância no processo de ensino-aprendizagem.

Os contos de fadas são indicados para esses momentos, porque, conforme argumentado por Zilberman (2007), eles são um dos principais componentes da literatura infantil, além de serem responsáveis pela nova forma de se observar a arte da leitura. Logo, é fundamental que o

docente ofereça esse gênero textual aos alunos, para que crie momentos em que os contos possam ser apreciados, e às crianças, para que elas possam deleitar-se com as belas histórias. Mas é preciso que sejam apresentados textos completos, que haja a valorização das riquezas de detalhes, para que isso atraia ainda mais a atenção do pequeno leitor. É importante que o professor tenha conhecimento das preferências literárias de seus alunos, que nunca seja priorizando uma única obra, que a criança possa ter a liberdade de escolher a leitura que lhe interessa e que é de sua preferência naquele dia.

Além disso, conforme exposto por Garutti e Ferreira (2015), é preciso criar meios que propicie ao educando a capacidade de produzir novas narrativas e experiências de aprendizagem que sejam significativas e façam sentido a sua vida. Ou seja, uma educação que seja pautada nos conhecimentos de vida e na realidade dos educandos, tendo em vista que eles se encontram em um momento de trânsito para o incerto e o desconhecido.

Todos esses aspectos devem ser considerados no ato do ensino da leitura e oralidade, de forma a atender às necessidades do educando, sem impor determinadas leituras, mas, sim, estimulando o gosto de forma prazerosa e significativa. Sendo assim, uma boa forma de estimular esse gosto é utilizar os contos de fadas nos trabalhos desenvolvidos cotidianamente em sala de aula. Essa concepção é defendida porque esse gênero literário é repleto de histórias que mexem com a imaginação do indivíduo, tendo em vista que nos contos, concentram-se poderes de seres sobrenaturais que encantam e promovem magia e diversão.

Essas histórias, conforme referendado por Ressureição (2010), são consideradas como os antídotos mais eficientes contra as angústias e temores infantis, pois quando são apresentadas às crianças, seus personagens transmitem sensibilidade, esperança, otimismo e confiança na vida, pois, a criança se identifica mais facilmente com os problemas dos personagens e dão vazão às próprias emoções.

Conforme é referendado por Bettelheim (2007), o conto de fadas não ignora as ansiedades e dilemas existenciais do indivíduo, tais como a necessidade de ser amado, o medo de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte; ao contrário, ele permite que esses problemas sejam encarados diretamente, oferecendo soluções de modos que a criança possa aprender no seu nível de compreensão, fator essencial para quem está no processo inicial de aquisição do conhecimento.

Silva (2013) explica que os contos de fadas atualizam/reinterpretam questões universais como a formação dos valores e de caráter, promovendo o desenvolvimento da personalidade através da combinação entre realidade e fantasia. A autora propõe uma reflexão sobre a importância dos professores não apenas como a pessoa responsável pela escolha de uma leitura adequada, mas que ele atue como intermediador entre o leitor e o indivíduo. Ressalta ainda que os pais devem incentivar a criança a adquirir o gosto pela literatura infantil independentemente da idade, ou seja, não esperar somente que a criança se envolva na leitura quando iniciar-se na educação infantil, mas sim, começar ainda no ambiente familiar e aprimorar no escolar.

Sabe-se, porém, que muitas crianças têm o primeiro contato com a leitura somente ao ingressar na escola, e nesses casos é de fundamental importância que os professores incentivem as crianças nesse processo de descoberta da leitura, principalmente através dos livros de contos de fadas. Silva (2013) argumenta que os contos de fadas contribuem abundantemente para a formação da personalidade, tendo em vista que auxiliam as crianças a desenvolver o pensamento crítico, levando-a ao conhecimento de mundo, fator essencial para a compreensão e identificação de problemas, resolução de conflitos, aquisição de valores, bem como um entendimento da sua realidade.

O que corrobora Bettelheim (2007) ao afirmar que os contos de fadas contribuem na formação da personalidade da criança, ajudando-a a entender este mundo que a cerca. Para ele, o conto de fadas decorre de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para elas. Os contos, além do prazer que proporcionam ao leitor e pela fantasia que o permeia, possibilitam à criança viver intensamente não somente as alegrias, mas também os medos dos personagens, o que retrata o que retrata também os medos observados na infância.

Desse modo, a partir do momento em que os contos de fadas são usados com frequência pelo professor em sala de aula, ele tem um excelente recursos para trabalhar os valores sociais, a moral, o respeito e também estará promovendo a resiliência, ou seja, estimular a capacidade a elevar a autoestima, reconhecer suas potencialidades e confrontá-las com o autoconhecimento e com o que os outros podem perceber de características positivas nas suas atitudes enquanto sujeito social.

4 Caminhos metodológicos da pesquisa

Utilizam-se como referências teóricas para a metodologia desta pesquisa as concepções de Gerhardt e Silveira (2009) e Gil (2012) para fundamentar a escolha do estudo de caso como método de pesquisa, pois não se teve a pretensão de intervir sobre o objeto estudado, mas sim revelá-lo como importante recurso a ser utilizado no ensino da oralidade.

O trabalho lança mão de uma abordagem qualitativa, tendo em vista que não houve preocupação com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento acerca da importância do uso das tecnologias e dos contos de fadas no processo de ensino e aprendizagem da linguagem oral de alunos do ciclo de alfabetização. Os objetivos seguem um viés exploratório, já que não se teve a pretensão de explorar todos os aspectos que envolvem o objeto de estudo, mas sim proporcionar maior familiaridade com o tema, explicitando-o no meio acadêmico.

A escola pesquisada encontra-se localizada no distrito de Fazendinha em Macapá e atende alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos. Ao todo, são 28 turmas contendo: 125 alunos da Educação Infantil, 553 do Ensino Fundamental I, 14 da Educação Especial e 43 da Educação de Jovens e Adultos.

A EMEF Caetano Dias Thomaz possui quatro turmas no 2º ano do Ensino Fundamental, cada turma tem 25 alunos, totalizando 100 educandos. Utilizando o critério de amostragem não probabilística por conveniência (GIL, 2012), foi selecionada a turma 211 com 25 alunos para realização da pesquisa. Deste quantitativo, 13 educandos são do sexo masculino e 12 do sexo feminino, todos na faixa etária de 7 anos.

Para a coleta de dados em sala de aula, foram feitas observações assistemáticas, nas quais mantivemo-nos abstraídos da situação estudada, apenas observou-se de maneira espontânea, a ocorrência dos fatos, buscando controlar os dados obtidos. Além de observações, foram realizadas notas de campo que foram registradas em um gravador digital. Também foi realizada uma oficina de leitura com alunos que se dividiu em cinco sessões.

É pertinente destacar neste momento que a realização da coleta de dados foi realizada mediante atendimento as recomendações previstas na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), que visa assegurar a vontade dos entrevistados/colaboradores em contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida. Assim, os participantes assinaram o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo informados de que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedeciam aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Ressalta-se ainda que durante o processo de análise das informações assegurou-se o anonimato de todos os participantes com intuito de manter-se sua integridade.

As oficinas propiciaram a negociação de sentidos e de construção interpessoal de identidades, num constante jogo de posicionamentos, que faz fluir a multiplicidade e contraste entre versões sobre o campo-tema que se investiga. As oficinas não se limitaram ao registro de informações para fins de pesquisa, elas possibilitaram aos seus participantes a negociação de sentidos variados, abrindo espaços para controvérsias e potencializando mudanças.

Para análise dos dados, foi utilizada a técnica análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2011). Desse modo, tomou-se o seguinte percurso, fez-se uma análise categorial com:

- a) pré-análise (contos e tecnologias a serem utilizados (re)formulação das hipóteses;
- b) exploração do material (a busca de categorias ou palavras significativas para a pesquisa);
- c) interpretação dos resultados. As categorias estabelecidas para análise dos dados foram delimitadas com a observação do repertório linguístico, da expressão oral e da imitação.

Na segunda semana de pesquisa houve a primeira intervenção em sala de aula. Os materiais utilizados foram: lousa digital, caixas de som e *pendrive* contendo os contos de fadas “O patinho feio”, “Branca de Neve e os sete anões” e o “Chapeuzinho vermelho”. As referidas narrativas foram selecionadas porque são muito conhecidas e trazem em seu bojo a superação de dificuldades que, de certa forma, são motivadoras aos alunos.

Conforme argumentado por Bettelheim (2007, p. 177), quando é solicitado a uma criança que informe sobre a sua predileção com os contos de fadas, raramente ela irá escolher os contos modernos. Ele explica que os contos novos apresentam finais tristes e o encorajamento e consolo, tão importantes para situações atuais, não estão presentes nessas narrativas. Já as histórias tradicionais vêm carregadas de significações, funcionando como uma válvula de escape, proporcionando a criança momentos de esperança e encorajamento o que foi comprovado por Custódio e Santos (2019), que afirmam que é satisfatório visualizar as expressões de encanto, de surpresa nos olhares dos alunos.

Desse modo, no sentido de estabelecer um relacionamento confiável e propiciar a comunicação entre alunos e pesquisadora e entre as próprias crianças, utilizaram-se algumas atitudes que tornaram-se rotinas, propostas por Borella (2016), marcadas pelas seguintes ações:

- a) na chegada à biblioteca onde foi realizada a intervenção, cumprimentar cordialmente as crianças e a professora e sentarmos em roda;
- b) nos apresentar enquanto pesquisadora, informando nome e objetivos que nos levaram à desenvolver aquela atividade com a turma;
- c) solicitar que cada criança fizesse sua apresentação, dizendo o nome, o que foi feito em todas as aulas como forma de identificar cada aluno no ato da fala;
- d) após cada criança fazer sua apresentação, era estimulada à falar sobre algo que tivesse lhe chamado a atenção nas aulas anteriores;
- e) explicar a atividade a ser realizada no dia;
- f) antes de iniciar a apresentação da obra em formato de filme, na lousa digital, apresentar a obra a ser apresentada em formato escrito, evidenciando quem escreveu (autor) e quem desenhou (ilustrador), explorando informações presentes na capa e contracapa, assim como a editora onde a obra foi publicada.

Veja a figura 1.

Figura 1- Momento de apresentação da obra aos alunos



Fonte: Acervo dos pesquisadores

Em seguida, o filme da obra era apresentado utilizando-se o recurso da lousa digital. Ao final de cada atividade, permaneceu-se por mais algum tempo com as crianças, brincando e/ou conversando como forma de descontrair e deixa-las bem à vontade para expressar-se, o que nos permitiu perceber as diferentes maneiras de comunicação verbal de cada uma delas. O momento serviu para que se pudesse intervir quando ao serem questionados sobre algum fato do filme, vários alunos tentavam responder ao mesmo tempo. Nesse momento, aproveitava-se para intervir, esclarecendo que cada criança deveria ser ouvida, e que deveriam respeitar o momento de fala um do outro.

No momento seguinte foi realizado um laboratório com os alunos por meio de uma oficina de leitura que se dividiu em 5 sessões/encontros:

Sessão 1 - Foi feita a leitura do conto “O patinho feio” no ato os alunos foram para a biblioteca e sentaram-se em grupos compostos por quatro crianças. A eles foram entregues cópias do conto e, em seguida, os alunos foram convidados a fazer a leitura silenciosa. Após, abriu-se espaço para discussões, onde cada um falou a compreensão que teve do enredo, sobre personagens e o que mais gostou na história. Nesse momento houve a intervenção da pesquisadora, para esclarecer aspectos inerentes aos personagens. Selecionou-se essa metodologia porque a proposta da aula seguinte seria de que eles identificassem os personagens no texto lido, porém, diferenciando os que representam o bem e os do mal. Na figura 2 é possível perceber esse momento.

Figura 2 - Momentos de leitura dos contos pelas crianças.



Fonte: Acervo dos pesquisadores

Sessão 2 - O conto apresentado com o auxílio da lousa digital foi “Branca de Neve e os sete anões”, esse foi o segundo na oficina de leitura realizada com os alunos. Seguiu-se o mesmo processo do dia anterior, porém, diferiu-se nos procedimentos no ato da roda de conversa. Solicitou-se aos alunos que formassem dois grupos, sendo que um ficou incumbido de identificar os personagens do bem e outro os do mal. Em seguida, abriu-se espaço para que os alunos fizessem suas inferências sobre a história, se gostaram ou não, o que mais chamou a atenção e o que mais considerassem importante relatar. O momento foi de muita participação, tendo-se muitas vezes que controlar o espaço da fala de cada um para que todos pudessem se pronunciar.

Sessão 3 - No ato, trabalhou-se a leitura do conto “Chapeuzinho vermelho, seguindo-se os mesmos procedimentos das aulas anteriores. Ao final da leitura, abriu-se a roda de discussões onde os alunos tiveram a oportunidade de falar sobre o enredo da história. Para facilitar, direcionou-se alguns questionamentos, tais como: O porquê de o Patinho feio ter sido rejeitado pela mãe e o que aconteceu na vida do personagem para que ele voltasse a ser feliz? Assim como nas sessões anteriores, os alunos foram muito participativos.

Sessão 4 - Nesse momento houve a conversa individualizada com os cinco alunos selecionados de forma aleatória dentre os componentes da turma 211. No ato, eles tiveram a oportunidade de falar sobre os contos lidos, falar sobre as preferências, personagens e enredo do texto. Utilizou-se essa metodologia porque nosso objetivo foi trabalhar aspectos da oralidade e, conforme exposto por Maciel, Baptista e Mourão (2009), atividades dessa natureza são importantes para possibilitar ao aluno a aquisição de habilidades que ampliam a competência comunicativa, permitindo-lhe a apropriação dos recursos comunicativos necessários para obter um bom desempenho nas mais distintas tarefas linguísticas.

5 Análise e discussão dos resultados

Considerando-se que dentre as funções do professor está a de mediar a aquisição do conhecimento promovendo situações problemas para que a partir delas, os alunos possam fazer suas hipóteses e encontrar a solução. Durante as oficinas realizadas individualmente com os alunos, foi necessário instigá-los com perguntas previamente formuladas, para que as respostas, expressas por meio de suas falas, externassem suas concepções sobre os textos lidos e o filme apresentado.

Foram feitas intervenções no local da pesquisa que possibilitaram condições para investigação da linguagem oral considerando as categorias de análise estabelecidas: repertório linguístico, expressão oral e imitação. Percebeu-se que a prática pedagógica intencional planejada pelo docente pode contribuir substancialmente no desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores, isso tudo, a partir de uma aprendizagem significativa por parte dos sujeitos, que possibilitou o contato dos alunos com conhecimentos literários que mediam o ensino-aprendizagem da linguagem oral. Nesta seção, destaca-se alguns fragmentos das intervenções realizadas na pesquisa, fragmentos que consideramos como os mais relevantes. Ressalta-se que

que nem todas as intervenções serão descritas, mas utilizaremos os principais momentos para as análises da linguagem infantil a partir do referencial teórico utilizado na pesquisa.

Abaixo, condensamos as principais conquistas no desenvolvimento da linguagem oral. Como forma de manter a ética da pesquisa, os alunos aqui são nomeados como: A1, A2, A3, A4 e A5 respectivamente. Seguem alguns trechos das falas dos alunos em relação ao desenvolvimento da atividade:

Pergunta 1 (P1) - Qual é o conto de fadas que você mais gosta?

A1 - *Utilizou o gesto afirmativo com a cabeça: “aquele daquele ratinho lá”.*

A2 - *“Não”. - “Ummm... da bela!”.*

A3 - *“Da Branca de Neve!” (Gesto afirmativo com a cabeça).*

A4 - *“Sim!”, “A bela e a fera”.*

A5 - *“Sim!”, “gosto da Bela e a fera, mas sei quase de todos”.*

Pergunta 2 (P2) - Por quais motivos você gosta mais deste conto de fadas?

A1 - *“Ahhh, porque é uma história muito boa!”*

A2 - *“Porque ela é a minha preferida!”*

A3 - *“Lá... porque ela é bonita e ela é muito gentil”.*

A4 - *“Porque conta muita coisa da bela e da fera”.*

A5 - *“Porque...”.*

Pergunta 3 (P3) - Qual é a parte da história que você mais gosta? (Solicitou-se aos alunos que falassem um pouco sobre a primeira história lida, sobre o enredo da história da Branca de Neve.

A1 - *“Espelho espelho meu, há no mundo alguém mais bela do que eu?”*

A2 - *“A rainha queria ter uma filha [...], aí ela furou a mão dela [...], fez um pedido [...], vivia num castelo”.*

A3 - *“De boca vermelha... ela é toda branca feito neve [...]. Porque ela queria a Branca de Neve morta [...]. Porque ela queria só ela... ela queria só ela ser bonita no mundo”.*

A4 - *Foi assim... (gesticulando com as mãos e fechando os olhos) “a mãe dela pediu um desejo para as estrelas, daí o desejo dela se realizou... daí quando a mãe dela adoeceu e ela ficou só ela e o pai... Depois a Branca de Neve... O rei se casou com a madrasta dela, depois o rei tinha muita coisa para fazer... depois a rainha armou e o caçador foi atrás dela na floresta pra matar ela...”.*

A5 - *“É, é, é... a rainha... ela teve o sonho de ter uma filha... ai ela tava costurando... ai ela costurou um pedaço de algodão... assim... ai ela falou: - eu quero ter uma filha branca como a cor da neve... olhos azuis, parece, e a boca” (fazendo o sinal com as mãos), meio rosada!, e depois, ela realizou esse sonho (mexendo disfarçadamente com os dedos continuou). Depois ela ficou doente e ela morreu, daí o pai casou de novo [...]”.*

Pergunta 4 (P4) - Seus pais costumam fazer a leitura ou contar histórias de contos de fadas? Em qual horário costumam fazer isso?

A1 - *“Algumas vezes... Não lembro (Olhando para os lados e segurando o dedo indicador da mão esquerda com a direita)”*.

A2 - *“Minha mãe sempre contou as histórias desde que eu era pequeninha! Por isso gosto das histórias!”*

A3 - *“Às vezes... minha irmã lê para mim.” (de cabeça baixa).*

A4 - *“Minha mãe, meu pai... todos gostam de contos de fadas! Ai aprendi a gostar também” (gesticulando com os dois braços e mãos abertas).*

A5 - *“Hum... Não se lembro”*.

Pergunta 5 (P5) - Vocês gostam mais de ler ou de ouvir histórias?

A1 - *“Eu gosto... acho que de ouvir... não consigo ler direito ainda” (baixou a cabeça mexendo com as mãos).*

A2 - *“Ouvir”*.

A3 - *“Quando eu saber ler... a professora lê... minha irmã lê...” (com as mãos no queixo olhando para o teto).*

A4 - *“Gosto de ouvir, mas eu leio também.”*

A5 - *“A professora sempre conta.”*

Passemos agora a analisar os dados considerando as categorias de análise estabelecidas para o estudo da linguagem oral, a saber: repertório linguístico; expressão oral e imitação.

5.1 O repertório linguístico

Trabalhar a oralidade em sala de aula se constitui umas das ações mais importantes pelo professor, pois a fala é fundamental em nossas vidas e deve-se considerar que o desenvolvimento oral se dá a partir das vivências envolvendo o uso das práticas linguísticas, os professores devem planejar e em suas ações pedagógicas atividades cotidianas envolvendo a fala, e a reflexão sobre a língua. A contação de histórias para as crianças não alfabetizadas necessita de magia, elas se sentem dentro da história, pois para elas tudo que ocorre numa história contada é real, uma criança confia no que o *conto de fada* diz, a história não só ajuda no aprendizado da leitura, mas a resolver conflitos internos. Os contos de fadas podem ampliar o repertório linguístico da criança, pois ela tem grande capacidade de pensar, lembrar e falar, oportunizando o desenvolvimento da maturidade psicológica e linguística.

Nos dados analisados, percebe-se que as crianças ainda apresentam muita dificuldade em encontrar palavras que explicitem seus pensamentos. Nota-se muita repetição no ato das falas das crianças, conforme observado na fala de A3 (P2 e P3) ao repetir cinco vezes o pronome “ela”. Em A4 (P4), no uso do termo “daí”. Mas isso é um fato normal, considerando-se que nos Direitos de Aprendizagem conforme exposto por Brasil (2012, p. 39), no 2º ano do Ensino Fundamental, os conhecimentos sobre o uso de palavras ou expressões que retomem “coesivamente o que já foi escrito (pronomes pessoais, sinônimos e equivalentes)” devem ser aprofundados. Ou seja, os alunos terão a oportunidade de, nos anos subsequentes de estudo, consolidar esse direito de aprendizagem, articulando-o com os demais propostos pelo MEC.

Vale lembrar que, de acordo com Roncato e Lacerda (2005), a criança que se encontra no processo de alfabetização ainda não tem um repertório linguístico que contenha muitas palavras, por isso, é normal que ela repita com frequência determinadas expressões, que troque adjetivos entre outros aspectos. Com isso, ela está refletindo sobre o uso das palavras, exercitando o pensamento, buscando alternativas, conforme se observou nas expressões que faziam, olhando para o teto, para os lados, como se tentassem encontrar a resposta adequada. Isso também é costume se fazer enquanto adultos, basta atentarmos para nossas ações no ato de fazer uma avaliação importante, ou produzirmos um texto, ao esquecermos uma determinada palavra, é normal que se pare, reflita-se até chegar ao termo adequado que se pretende utilizar.

Ainda conforme estes autores, isso decorre da dificuldade que a criança encontra para desenvolver aspectos da linguagem, que nesse momento ainda é muito marcada pelas trocas verbais, pelas repetições, o que é um fato considerado positivo, pois ainda que não encontre a representação do seu pensamento, no ato de buscar a palavra correta ela está problematizando e conseqüentemente, tentando encontrar soluções, fazendo-a pensar, raciocinar, refletir, ações que fundamentais ao processo de ensino e aprendizagem.

Conforme Farias e Rubio (2012), as repetições de palavras por crianças que se encontram em fase de alfabetização se refletem no aspecto pragmático, onde nas situações de intercâmbio social, as crianças necessitam do apoio tanto dos familiares, quanto dos professores, para explicitarem, através da fala, seus pensamentos e ideias, de modo a serem compreendidas pelo seu interlocutor. A repetição aumenta e assegura o esforço intelectual, a leitura de contos de fadas é uma forma de ensino-aprendizagem que desenvolve a linguagem e a personalidade da criança.

Toda a criança que é uma boa leitora, é um bom aprendiz, o que justifica a necessidade da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem.

5.2 A expressão oral

Por meio da expressão oral, as crianças ampliam seus universos de comunicação, expressando opiniões e ideias, sentimentos e emoções, argumentam, comunicando-se com maior facilidade. Durante todo o desdobramento das oficinas, percebemos que a timidez e a falta de autoconfiança seriam resultantes do medo de falar em público e de errar (falar algo que provocasse o riso entre os colegas por exemplo); por isso se tornava tão complicado fazer com que eles conseguissem expressar-se fora dos círculos de convivência. Nesses círculos, eles se sentem à vontade e, se houver o erro, este será aceito no tom de brincadeira descontraída, sem ferir a autoestima do falante. A timidez perante os colegas é sempre uma das razões que os impedem de se expressarem na sala de aula.

Segundo Perrotti (2009, p. 56), “a criança é também alguém profundamente enraizada em um tempo e um espaço, alguém que interage com estas categorias, que influencia o meio onde vive e é influenciado por ele.” Por isso se tornou tão importante criar laços afetivos entre professoras e alunos, para que eles notassem que o professor não é intocável e inacessível e, portanto, pudessem sentir confiança para se expressarem e conseguirem realizar atividades como: exercícios de voz e expressão facial, situações do dia a dia, profissões, emoções, exploração de técnicas de contação, confecção de Mural do grupo, confecção de materiais para contação de histórias. Enfim, um trabalho contínuo e instigante.

A influência da timidez é possível observar por meio da fala de A5 (P2) ao ser questionado sobre os motivos de gostar mais de determinado conto de fadas, respondendo apenas: “Porque....”. Salienta-se que no 2º ano, de acordo com os PCNs (BRASIL, 1999, p. 35), o professor deve aprofundar conhecimentos da linguagem oral que possibilitem, entre outros aspectos, ao aluno, “relacionar fala e escrita, tendo em vista a apropriação do sistema de escrita, as variantes linguísticas e os diferentes gêneros textuais”.

Além disso, é enfatizado que a escola deve proporcionar conhecimentos ao aluno que o leve a competência de “utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais”. Considera-se então, que uma vez que os alunos, no ato da intervenção ainda se encontravam no 3º bimestre do ano letivo, é provável que atualmente já

disponham de um repertório maior de palavras e saber para articula-las no ato da fala (BRASIL, 1999, p. 27).

Dessa forma, no decorrer das intervenções, reparamos que os alunos foram adquirindo confiança e carinho entre os colegas e até mesmo comigo, surgindo, assim, um ambiente afetivo, onde falar era a principal regra. Estando mais à vontade dentro da sala e entre os próprios colegas, os alunos conseguiram “resgatar/construir/descobrir” a autoestima e autoconfiança, o que os deixou mais “soltos” e animados para se expressarem e mostrarem a outras pessoas o que conseguiram construir durante as oficinas.

5.3 A imitação

A aprendizagem da linguagem oral ocorre, principalmente, por meio da apropriação da fala do outro. A imitação é um instrumento utilizado pelas crianças no processo de aprendizagem da oralidade. Elas aprendem imitando os adultos, outras crianças, imitando situações, reproduzindo histórias, brincadeiras, músicas, interagindo com o mundo. Durante as conversas com os alunos, o uso de gestos que levavam a fatos ocorridos no enredo das histórias, como no ato em que A5 (P3) descrevia como deveria ser a filha sonhada pela rainha: “boca” (fazendo o sinal com as mãos), meio rosada!”. A imitação é um ato comum às crianças, pois elas buscam nos adultos, principalmente nas figuras do pai e da mãe, realizar seus desejos futuros, fato observado por exemplo, quando calça os sapatos altos da mãe, utiliza maquiagens etc.

Bettelheim (2007, p. 281) afirma que a criança visualiza o futuro nas ações dos adultos que a rodeiam, é comum, de acordo com o autor, que ela esquematize essas figuras sob a perspectiva de heróis e com isso busca imitá-los assim como o faz com seus personagens preferidos da televisão, de filmes e de histórias como os contos de fadas. Nesse caso, no ato do ensino, o professor deve valorizar as imitações que a criança utiliza, pois esse é um ato comum e que auxilia muito no processo de interação e socialização da criança.

Na imitação, a criança desenvolve a capacidade de observar, aprender com os outros e identificar-se com eles, ser aceita e diferenciar-se. A imitação é entendida como um mecanismo de reconstrução interna e não meramente uma cópia ou repetição mecânica. As crianças começam observando e imitando as pessoas e coisas existentes a sua volta, principalmente as pessoas de seu círculo afetivo. A observação auxilia a criança na fase de construção do processo de diferenciação dos outros e, conseqüentemente, na sua identidade.

6 Considerações finais

O estudo confirmou a hipótese de que as tecnologias e os contos de fadas constituem-se como recursos importantíssimos para o desenvolvimento da linguagem oral no processo de alfabetização das crianças. As tecnologias podem promover um novo sentido aos conteúdos curriculares e prática pedagógica. Isso porque, ao observar o filme, por exemplo, a criança tem a possibilidade de conhecer entonações que ainda tem dificuldades de identificar na escrita, o que lhe permite se emocionar, divertir-se e encantar-se. As crianças gostam de ouvir as histórias e isso faz com que expressem seus gostos, que relatem a história, falem sobre os personagens e, assim, elaborem melhor a fala, utilizem novas palavras, expressem-se melhor.

Os resultados demonstram ainda que, ao utilizar esse tipo de gênero literário em sala de aula, o professor promove a interação social do aluno, fazendo com que ele participe ativamente do processo educacional, interaja com os demais, tornando-se um sujeito crítico, capaz de compreender as diferentes fontes de informação que lhes são apresentadas cotidianamente.

Porém, é importante salientar que essa não é uma tarefa fácil, ao contrário, é preciso que, para fazer uso das tecnologias, aliada a qualquer gênero textual no processo de ensino e aprendizagem, o professor planeje e delimite os objetivos que pretende alcançar. Agindo dessa forma, estará possibilitando à criança, que ela desenvolva habilidades que remetam aos Direitos de Aprendizagem proposto no ensino de linguagem (BRASIL, 2012), tais como: participar de interações orais em sala de aula; escutar com atenção textos de diferentes gêneros; planejar intervenções orais e relacionar fala e escrita, dentre outras competências.

Nesse sentido, uma forma de o professor utilizar as tecnologias e os contos de fadas com frequência em sala de aula, com os alunos do ciclo de alfabetização, é criando momentos específicos para assistir e contar histórias, o que pode ser feito de forma individual ou coletiva com o auxílio de um microfone e uma caixa de som. Nesses, os alunos podem contar suas histórias tanto para os colegas da turma, quanto para os de outras que podem ser envolvidas como convidados.

Considerando-se que a família é peça fundamental na educação, a sugestão é que ela também seja envolvida, isto é, a escola como um todo pode promover ações pedagógicas que envolvam a contação de histórias, a participação coletiva e o envolvimento da comunidade, de

forma que os pais, avós, entre outros membros da família possam atuar como agentes facilitadores da leitura.

Em todo esse processo, os livros jamais podem ser esquecidos, ou substituídos exclusivamente pelas inúmeras formas de suportes textuais que hoje são disponibilizadas à sociedade. Ao contrário, eles precisam ser alinhados às novas tecnologias, no sentido de tornar a leitura mais significativa e prazerosa ao aluno. Isso porque os livros apresentam riqueza de detalhes que fazem com que o leitor sintam-se motivado a dar continuidade à leitura; os filmes por sua vez, oportunizam à criança a possibilidade de imaginar as situações vivenciadas pelos personagens, viajar pelo mundo da fantasia, de falar sobre a história com outras pessoas e assim dar continuidade ao processo de incentivar outros à leitura.

Pelo exposto, e por inúmeros outros benefícios que as tecnologias e os contos de fadas podem proporcionar à criança quando utilizados em sala de aula, pode-se afirmar que eles são importantes instrumentos e facilitadores do processo de ensino e aprendizagem, que além de instigar o gosto pela leitura e desenvolver competências da oralidade, tais como: ouvir e contar histórias, eles contribuem para a formação do aluno leitor, crítico, reflexivo e participativo da sociedade, tornando-o capaz de, a partir de seu conhecimento e de suas atitudes, modificar tanto a sua realidade, quando dos que o rodeiam, e assim, mudar atitudes, adquirir e socializar valores, respeitar diferenças e viver em sociedade.

Referências

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção em sala de aula**. São Paulo: Papyrus, 2009.
- ALVES, Rubem. **O prazer da leitura**. Porto: Edições Asa, 2016.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Tecnologia, escola, professora: comunicação e educação**. São Paulo: Moderna; ECA/USP, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRETO, Raquel Goulart. Uma análise do discurso hegemônico acerca das tecnologias na educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 1, p. 41-58, jan./abr. 2012.
- BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2003.
- BATISTA, Sandra Aparecida; FREITAS, Carlos Cesar Garcia. O uso da tecnologia na educação: um debate a partir da alternativa da tecnologia social. **R. Technol. Soc.**, Curitiba, v. 14, n. 30, p.121-135, jan./abr. 2018.
- BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BORELLA, Thaís. **Desenvolvimento da linguagem infantil à luz da teoria histórico-cultural:** contribuições de práticas literárias na primeira infância. São Paulo: UNESP/Campus de Presidente Prudente, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Planejamento escolar:** alfabetização e ensino da Língua Portuguesa. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Brasília: MS/Conselho Nacional de Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** 1ª a 4ª séries: língua portuguesa. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1999.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; SANTOS, Rubelina Silva dos. Narrativas ficcionais - potenciais pedagógicos, estético e literário para a formação do aluno no espaço escolar. **Rev. Bras. Educ. Camp.,** Tocantinópolis, v. 4, p. 1-26, out. 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5813/15911>. Acesso em: 15 out. 2019.

FARIAS, Francly Rennia Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Literatura infantil: a contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil. **Revista Saberes da Educação,** São Roque, v. 3, n. 1, p. 1-13, 2012.

GARUTTI, Selson; FERREIRA, Vera Lúcia. Uso das tecnologias de informação e comunicação na educação. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas,** Maringá, v. 20, n. 2, p. 355-372, jul./dez. 2015.

GERHARDT, T. Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; BAPTISTA, Mônica Correia; MOURÃO, Sara Monteiro (org.). **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos:** orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. *In:* ROMANOWSKI, Joana Paulin *et al.* (org.). **Conhecimento local e conhecimento universal:** diversidade, mídias e tecnologias na educação. Curitiba: Champagnat, 2004. v. 2. p. 245-253.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo: Summus, 2009.

RESSUREIÇÃO, Juliana Boeira da. **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação.** Rio Grande do Sul: Facos, 2010. p. 1-16. Disponível em: http://espacoviverzen.com.br/wp-content/uploads/2017/09/A_importancia_dos_contos_de_fadas_no_desenvolvimento_da_imaginacao.pdf. Acesso em: 15 out. 2019.

RONCATO, Caroline Cominetti; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Possibilidades de desenvolvimento de linguagem no espaço da Educação Infantil. **Distúrbios da Comunicação,** São Paulo, v. 17, n. 2, p. 215-223, ago. 2005.

SILVA, Ana Maria. **A importância da leitura dos contos de fada na educação infantil.** São Paulo: Portal Educação, 2013. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-importancia-da-leitura-dos-contos-de-fadas-na-educacao-infantil/30151>. Acesso em: 30 mar. 2019

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2007.